


Jorge Luis Borges
com Margarita Guerrero

O Livro dos Seres Imaginários

Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra

 QUETZAL | série Jorge Luis Borges

Prólogo

O título deste livro justificaria a inclusão do príncipe Hamlet, do ponto, da linha, da superfície, do hiper-cubo, de todas as palavras genéricas, e talvez de cada um de nós e da divindade. Em suma, quase do Universo. No entanto, limitámo-nos ao que a locução «seres imaginários» sugere, compilámos um manual das entidades estranhas que a fantasia dos homens gerou ao longo do tempo e do espaço.

Desconhecemos o sentido do dragão, como desconhecemos o sentido do Universo, mas algo há na sua imagem que está de acordo com a imaginação dos homens e, assim, o dragão surge em latitudes e idades diferentes.

Um livro desta índole é necessariamente incompleto; cada nova edição é o núcleo de edições futuras, que podem multiplicar-se até ao infinito.

Convidamos o eventual leitor da Colômbia ou do Paraguai a enviar-nos os nomes, a descrição fidedigna e os hábitos mais conspícuos dos monstros locais.

Como todas as miscelâneas, como os volumes inesgotáveis de Robert Burton, de Fraser ou de Plínio,

O *Livro dos Seres Imaginários* não foi escrito para uma leitura consecutiva. Gostaríamos que os curiosos o frequentassem, como quem joga com as formas cambiantes reveladas pelo caleidoscópio.

As fontes desta *silva de varia lección*¹ são múltiplas; registámo-las em todos os capítulos. Perdoe-se-nos alguma omissão involuntária.

J.L.B. – M.G.

Martínez, setembro de 1967

¹ Título da obra mais famosa do escritor espanhol Pedro Mejía (1497-1551), de grande êxito em toda a Europa, verdadeira enciclopédia das mais diversas matérias do saber da época. (*N. dos T.*)

A Bao A Qu

Para contemplar a paisagem mais maravilhosa do mundo é preciso chegar ao último andar da Torre da Vitória, em Chitor. Há lá um terraço circular que permite dominar todo o horizonte. Umas escadas em caracol conduzem ao terraço, mas só se atrevem a subir os não crentes na fábula, que diz assim:

«Nas escadas da Torre da Vitória vive desde o princípio dos tempos o A Bao A Qu, sensível aos valores das almas humanas. Vive em estado letárgico, no primeiro degrau, e só goza de vida consciente quando alguém sobe as escadas. A vibração da pessoa que se aproxima infunde-lhe vida, e uma luz interior insinua-se nele. Ao mesmo tempo, o seu corpo e a sua pele quase translúcida começam a mover-se. Quando alguém sobe as escadas, o A Bao A Qu coloca-se quase nos calcanhares do visitante e sobe prendendo-se no rebordo dos degraus curvos e gastos pelos pés de gerações de peregrinos. Em cada degrau a sua cor intensifica-se, a sua forma aperfeiçoa-se e a luz que irradia é cada vez mais brilhante. Testemunho da sua sensibilidade é o facto de só adquirir

a forma perfeita no último degrau, quando aquele que sobe é um ser evoluído espiritualmente. Se assim não for, o A Bao A Qu fica como que paralisado antes de chegar, o seu corpo fica incompleto, a sua cor indefinida e a luz vacilante. O A Bao A Qu sofre quando não pode formar-se totalmente e a sua queixa é um rumor quase impercetível, semelhante ao toque da seda. Mas quando o homem ou a mulher que o fazem reviver estão cheios de pureza, o A Bao A Qu pode chegar ao último degrau já completamente formado e irradiando uma luz azul viva. O seu regresso à vida é muito breve pois, quando o peregrino desce, o A Bao A Qu rola e cai até ao degrau inicial onde, já apagado e semelhante a uma lâmina de vagos contornos, espera o próximo visitante. Só é possível vê-lo bem quando chega a meio das escadas, onde os prolongamentos do seu corpo, que ao jeito de bracinhos o ajudam a subir, se definem com clareza. Há quem diga que ele olha com o corpo todo e que, ao tato, faz lembrar a casca do pêssigo. No decurso dos séculos, o A Bao A Qu só chegou uma vez à perfeição.

«O capitão Burton regista a lenda do A Bao A Qu numa das notas da sua versão de *As Mil e Uma Noites*.»

Abtu e Anet

Segundo a mitologia dos egípcios, Abtu e Anet são dois peixes idênticos e sagrados que vão nadando à frente da nave de Rá, deus do Sol, para o advertirem de qualquer perigo. Durante o dia, a nave viaja pelo céu, de nascente para poente; durante a noite, por baixo da terra, em sentido inverso.

A Anfisbena

A *Farsália* enumera as verdadeiras ou imaginárias serpentes que os soldados de Catão enfrentaram nos desertos de África; aí estão a Parca que «tece como báculo caminha», o Iáculo, que vem pelo ar como uma flecha, e «a pesada Anfisbena, que tem duas cabeças». Plínio descreve-a quase com as mesmas palavras, e acrescenta: «como se uma não lhe bastasse para descarregar o seu veneno». O *Tesouro*, de Brunetto Latini – a enciclopédia que este recomendou ao seu antigo discípulo no sétimo círculo do inferno –, é menos sentencioso e mais claro: «A Anfisbena é uma serpente com duas cabeças, uma no seu lugar e a outra na cauda; e com as duas pode morder, corre com ligeireza e os seus olhos brilham como candeias.» No século XVIII, Sir Thomas Browne observou que não existe animal algum sem baixo, cimo, frente, atrás, esquerda e direita, e negou que pudesse existir a Anfisbena, na qual ambas as extremidades são anteriores. Anfisbena, em grego, quer dizer «que vai em dois sentidos». Nas Antilhas e em certas regiões da América, o nome aplica-se a um réptil que

normalmente se conhece por «dupla andadora», por «serpente-de-duas-cabeças» e por «mãe das formigas». Diz-se que as formigas a sustentam. Também que, se a cortarem em dois pedaços, estes se juntam.

As virtudes medicinais da Anfisbena já foram celebradas por Plínio.